

## DESAFIOS DE PAIS E EDUCADORES NO SÉCULO XXI: Como educar

**Maria Myrian Vieira**

Graduada em Letras Português/Inglês pela Autarquia Superior de Arcoverde – PE; mestre em Ciências da Educação pela Universidad Interamericana; Articuladora de Ensino na Escola Estadual Professor Mileno Ferreira (Alagoas); myrianvd@yahoo.com.br

### RESUMO

Neste artigo, realizado através de pesquisa bibliográfica, propomo-nos ao entendimento do ato de educar como ação natural da família e da escola como espaço de novos desafios. A inquietação desses é a inquietação da sociedade e que todos precisam ser protagonistas inserindo-se em uma mesma linguagem para a educação dos valores e comportamentos sociais adequados e o respeito às diferenças. As abordagens teóricas sobre a missão educativa tratam-na como uma questão urgente onde o sujeito em transformação (criança, jovem) necessita de afeto, diálogo aberto e franco, vivência dos valores e desconstrução dos contra valores. Na verdade, a família por circunstâncias impostas por esta época de mudanças tem transferido à escola a responsabilidade de educar, porém a escola não ampliou seu entendimento para além da transmissão de conteúdos. Portando a inserção da família, da escola e da sociedade como atores juntos em uma ação dialógica, afetiva e de parceria são apontadas como paradigma de efetivação na construção de como educar no contexto da sociedade contemporânea.

**Palavras-chave:** Família. Escola. Desafios para educar. Protagonismo.

### ABSTRACT

This paper, conducted through bibliographical research, aims to understand the education as a natural action of the family and the school as a space of new challenges. The restlessness that affects them is the same that affects society in general, making all people protagonists inserted in a same language of education for the values and the appropriate social conduct, respecting the differences. The theoretical approaches upon the educational mission treat it as an urgent question in which the subject in transformation (child and teenager) needs affection, open dialogue, experience with some values and deconstruction of others. Actually, the family, due to the circumstances imposed by the modern society, has been transferring to the school the responsibility of educating, however, the school still didn't amplified it's comprehension beyond the transmission of the subjects. Therefore, the insertion of family, school and society together as agents of a dialogical and affective action, is pointed as a paradigm of effectiveness in the construction of a way to educate in the contemporary society.

**Keywords:** Family. School. Educational challenges. Protagonism.

## 1 INTRODUÇÃO

Neste artigo propomo-nos pesquisar o entendimento sobre como educar para o século XXI, discurso acentuado nos diversos contextos sociais, destaque nos congressos acadêmicos e familiares. Com os avanços tecnológicos, os novos modelos de família e o crescimento da inserção da mulher nas diversas áreas, atuando em todo campo profissional a responsabilidade de educar a criança no seio familiar tem-se transferido cada vez mais à escola. Essa terceirização de papéis tem produzido um caos na formação educacional das crianças e jovens. Pois o afeto, a presença e o diálogo têm lhes faltado, provocando um vazio existencial, como se lhes faltasse a referência para existir.

Assim, pedagogas, psicólogas, psiquiatras e educadores têm se debruçado sobre o problema, efetivando debates e pesquisas, provocando os atores para o entendimento de seus papéis e a assumi-los como verdadeiros protagonistas.

Educar é essencial para a vida, é possibilitar à criança e ao jovem, como seres humanos, liberdade e autonomia, entendimento e gosto pela vida como fonte de realização e felicidade para os quais foram criados.

No entanto, em face de terceirização nos papéis da família, educar hoje tem se tornado um dilema. Os pais como educadores naturais e legais de seus filhos, não amadureceram na responsabilidade de que educar é criar possibilidades de crescimento, realizações na totalidade da capacidade da criança como pessoa, da vivência dos valores, tornando-a livre e capaz de assumir-se como ser humano e eterno aprendiz. Livre para as escolhas que a tornam feliz, livre para o sim e o não, livre para o certo, livre para transitar na contramão dos não-valores. Moreno (2002, p. 31) pontua que “o ser humano pode se educar porque é livre e pode ser livre porque se educa”. Nessa dicotomia feita por Moreno (2002) educar é o ato supremo que nos dá a liberdade de crescer como autênticos seres humanos.

Mas, a realidade é que a família na falta de amadurecimento de seu papel de educadora e oprimida pela sociedade capitalista vem perdendo a capacidade de sua responsabilidade amorosa e educativa com seus filhos. “Não pode se sentir amada uma criança de pais ausentes o dia todo de casa ou angustiados pelo desemprego. Nem a que vive confinada num barraco sem espaço físico e mental, asfíxiada por clima de violência.” (BETO, 2012). Essa realidade

Maria Myrian Vieira

---

destacada por Frei Beto é a protagonista da Pedagogia Freiriana, em suas diversas obras. Por outro lado, o oposto do quadro desenhado por Frei Beto e pela Pedagogia Freiriana, é a dos pais que confundem e (des)educam pela pedagogia do “sim”, da compensação, da premiação, criando assim crianças intolerantes e incapazes de serem autônomas, respeitosas e livres como seres humanos.

Portanto, os dois desenhos pontuados acima contribuem para a certeza de que o dilema na educação da criança no contexto apresentado é preocupante.

Assim sendo, fica evidente a urgência de que os atores envolvidos nesse processo necessitam viabilizar ações que provoquem a desconstrução dos contra valores, na perspectiva de humanizar as relações: pais e filhos; escola e família, na certeza de que a construção de sujeitos educados, livres e autônomos efetivar-se-á com maior concretude quando esses se colocarem como verdadeiros e humanos.

Desse modo, entendemos que a questão apresentada deve ser tratada em perspectiva dialógica e humanizada. Assim, apresentamos este artigo com o objetivo de entender as contribuições teóricas sobre o papel de educar na contemporaneidade, para esse fim realizamos pesquisa bibliográfica, recorreremos a diversos autores que tratam a temática como questão que envolve atores diversos, com responsabilidades pontuais das quais depende a integridade e os valores de uma sociedade melhor.

## **2 EDUCAR EM PERSPECTIVA AMOROSA E TOTALITÁRIA**

Transcorrido mais de uma década de século XXI, época extremamente dinâmica e de mudanças, onde ocorre uma explosão de avanços tecnológicos, científicos e o conhecimento inova-se a cada instante, encontra-se nesse contexto a família, base da sociedade, que se inquieta quanto ao seu papel primordial: a educação dos filhos. Como educar nesse emaranhado de informação e mudanças. O que é certo e o que é errado? Perplexa nesses vieses de avanços parece que o certo é errado e o errado é certo, encontra-se também a escola. Ao olhar desses segmentos está posto o desafio: como educar nesse contexto e para essa época.

Maria Myrian Vieira

---

Educar segundo o Aurélio (2001, p. 251) é “promover o desenvolvimento da capacidade intelectual, moral e física de alguém ou de si mesmo”. Cury (2006, p. 22) frisa “a educação pouco tem contribuído para o processo de formação da personalidade para a arte de pensar”. Essa realidade apontada por Cury ocorre porque pais e educadores confundem educação e formação. Formação, conforme o Aurélio (2001, p. 328) é “o modo como se constitui uma mentalidade, um caráter”. Assim, podemos dizer que educar é um processo envolvente, ato integral, que em sua inteireza requer: disponibilidade, amorosidade, desprendimento, totalidade. Pais e educadores precisam agir em perspectiva amorosa, dialógica e de total disponibilidade de ações que exigem qualidade e encantamento. A fragilidade dessa perspectiva avoluma a inquietação de pais e educadores. Enquanto a formação é a soma dos conhecimentos adquiridos que vão edificando uma mentalidade, um caráter. Fica evidente a distinção entre educação e formação. A educação contribui para uma boa formação e a formação contribui para que a pessoa educada tenha mais gosto pelos dois processos. “Falta aos pais e educadores um preparo para orquestrar uma educação que realmente forme valores e competências aos seus filhos e alunos” pontua Tiba (2012, p. 18).

Esses destaques feitos por Cury e Tiba já inquietava Sócrates ao dizer “se pudesse subir até o ponto mais alto de Atenas, levantaria minha voz para proclamar: concidadãos de Atenas porque revirais e raspais cada pedra para acumular riquezas, mas cuidais tão pouco de vossos filhos a quem um dia ides ceder tudo”. Pais e educadores vivem hoje diante de uma cultura de consumismo, drogas, sexo, permissividade, relações conflituosas, disputas, depressão, frustrações, medos, insatisfações, violência em âmbito familiar, social e escolar; esse bombardeio contribui para negatar e desestimular a mentalidade de pais e filhos, educadores e educandos, instalando a fragilidade nas relações e no ato educacional. Educar é envolver a criança no processo de encantamento com a vida, com o fazer, o aprender a aprender. É alimentar a sensibilidade do ser para “o desenvolvimento da capacidade intelectual, moral e física” definida por Aurélio (2001, p. 251).

Soma-se a falta de preparo de pais e educadores a cultura imposta pela sociedade capitalista: a supervalorização do ter, a beleza (cultura do corpo, padrão estético), a banalização da vida, do sexo etc.

O plano dos valores marais foi destronado pelo comprometimento explícito com a vida voltada para o ganho; ganho este dentro do princípio único de individualismo doentio. Os pais perderão a

Maria Myrian Vieira

---

noção de convivência pública, e a escola a de seu papel como instituição social responsável (DONATELLI, 2004, p. 67).

Sabemos que o homem é capaz de criar e recriar, adaptar-se a realidade. Não entendemos como esse ser tem perdido a capacidade de dinamizar a vida em família e em outros contextos sociais, perdendo a amorosidade nas relações e diminuindo a capacidade de educar e ser educado, vivendo tão facilmente os contra-valores. A vivência destes angustiava Sócrates que acrescentou “nossa juventude adora luxo, é mal educada, caçoa das autoridades e não tem o menor respeito pelos mais velhos. Nossos filhos são verdadeiros tiranos.” Eis a consequência da incapacidade de educar os filhos.

Protagonista primeiro do ato educativo a família vivenciando a amorosidade, o diálogo e a disponibilidade, edificará as competências e habilidade formadoras de um ser educado (filho/a) capaz de ser crítico, sensível à vida, participativo, solícito, tolerante, consciente na preservação do meio ambiente, acolhedor nas diferenças, apto para enfrentar as demandas de uma sociedade globalizada, de exigências múltiplas e de competitividade, um ser cômico de que a competitividade dever ser humanizada. Do contrário ecoará aos concidadãos do século XXI (pais e professores) a voz do filósofo: “(...) e nossos filhos são verdadeiros tiranos.”.

## **2.1 Cenário natural e legal da ação educativa: a família**

A educação é um processo contínuo construído em diversos cenários. O cenário natural e legal é a família.

A educação não começa na escola. Ela começa bem antes e é influenciada por muitos fatores. Ao longo do seu desenvolvimento físico e intelectual, a criança passa por várias fases nas quais a escola da vida, isto é, o ambiente familiar, as condições socioeconômicas da família, o lugar onde mora, o acesso aos meios de informação tem muita influência (CECON, 1885, p.86).

Sendo o educar processo que inicia na família é para esta que se deve voltar um olhar humanizado e entender o que ocorre em seio que debilita a ação educativa dos pais em relação aos filhos, contribuindo para que muitos sejam rebeldes, desmotivados, tímidos, desobedientes, sem dedicação ao estudo o que acarreta em déficits de aprendizagem e na formação do caráter e da cidadania. Déficit que precisam ser diagnosticados e trabalhados a fim de não causarem maiores danos.

Maria Myrian Vieira

---

“Dr. Paulo, o senhor sabe onde a gente mora o senhor já esteve na casa de um de nós”. Começou então a descrever a geografia precária de suas casas. A escassez de cômodos, os limites íntimos dos espaços em que os corpos se acotovelam. Falou da falta de recursos para as mais mínimas necessidades. Falou do cansaço do corpo, da impossibilidade dos sonhos com o amanhã melhor. Da proibição que lhes era imposta de ser felizes. De ter esperança. (FREIRE, 2009, p. 26)

Eis o contexto familiar desenhado por pais oprimidos, mas que entendem e sentem que a educação que lhes foi tirada garantirá nos filhos um amanhã melhor, mas como educá-los quando são obrigados pela opressão de uma vida madrastra a descarregar neles seus cansaços e frustrações. A Constituição Federal, capítulo II artigo 6º diz: “são direitos sociais a educação, a saúde, o trabalho, o lazer, a segurança, a proteção à maternidade e a infância” (BRASIL, 1988, p. 18). Não se pode negar os avanços a partir de 1988, porém há carência de políticas públicas que promovam maiores inclusões, que viabilizam a desconstrução do assistencialismo que promove exclusão e vicia contribuindo para a violência e comportamento passivo e desinteressado de muitos beneficiados, facilitando o ingresso ao mundo da droga e da violência. Chiera enfatiza:

Os problemas fundamentais vividos por crianças e adolescentes são a perda das raízes, a passagem da cultura urbana, passagem de uma família patriarcal para uma família monocelular, sempre mais frágil, a massificação e o anonimato das cidades grandes e metrópoles, a exclusão e a injustiça crescente em todos os aspectos, a falta de emprego e o salário de fome, a progressiva favelização, a influência dos meios de comunicação (quando destroem os valores éticos e familiares) e também a perda de sentido da fidelidade e união familiar, o crescente erotismo e consumismo, o relativismo moral e religioso, a crise do papel paterno, a ausência do homem na família, a violência doméstica e sexual no meio familiar, a necessidade de a mãe trabalhar fora em jornada muito extensa e perda da referência ética e religiosa (CHIERA, 2008, p. 38).

Da família patriarcal para a contemporânea há perdas e ganhos. Ganha-se com a presença da mulher no campo profissional, acrescentando a este um colorido especial com a sua atuação; perde-se quando os filhos ficam reféns de terceiros, carentes da presença, do amor, do afeto. E a essa carência somam-se os déficits que debilita a educação e a aprendizagem em suas vidas.

Segundo Donatelli

A concepção de educação e família hoje é ainda um grande desafio que se tem de enfrentar. E apresenta três razões que causam as transformações que entrelaçam o contexto que nos é apresentado. Primeira: a urbanização brasileira; segunda: a baixa escolaridade feminina; terceira: as novas de convivência no casamento (DONATELLI, 2004, p. 50).

Tanto Chiera (2008) como Donatelli (2004) apontam as causas que enfraquecem a educação como ato primeiro da família e esta em meio as transformações perde-se na sua função natural: educar os filhos.

Maria Myrian Vieira

---

As crianças afetadas por essas transformações querem ser notadas, ajudadas, não sabendo como, agem com rebeldia e são mal-educadas. Cury (2003, p. 44) “os comportamentos inadequados muitas vezes são clamores que imploram e presença, o caminho e o afetos dos pais” e Chiera (2008) acrescenta:

Adolescentes mal-amados geralmente não querem estudar. Estudam pouco ou nada. Sentem-se envergonhados e inferiorizados, não têm caráter, são inconstantes, não encaram os desafios, fogem deles. Não querem regras e não as aceitam. Por que estudar? Ninguém me vê. Desabafo de um adolescente que não se sentia amado. Quem não é amado, não tem vontade de fazer nada (CHIERA, 2008, p. 125-126).

Nesse processo a família pode transitar fazendo a ponte entre ontem e hoje, firmando seu papel, facilitando os saberes, favorecendo a edificação da cidadania, capacitando seus filhos para o encantamento de educar-se e nesse educar-se construir conhecimentos.

Aprender é a maior, mais divertida e mais prazerosa aventura, pois é uma viagem para construir a própria experiência. Se não nos sentimos motivadores para o processo educacional, é o momento de repensar o processo. Educar é aprender a maravilhar-se (MAGALHÃES, 2008, p. 211).

Maravilhar-se, desafiar, investigar, motivar e promover a curiosidade é a concretude da árdua ação da família e da escola: educar na complexidade de informação e culturas da sociedade contemporânea.

## 2.2 Educar para os limites

É inegável que se a família fragiliza a educação da criança, contribuirá para a indisciplina e para falta de limites.

Crianças não educadas, não obedecem, entendem que os outros devem estar ao seu dispor e querem ser o centro das atenções. Quando isto não ocorre sentem-se frustrados, odeiam os colegas e até os professores, chegam a mentir. Há pais e/ou adultos que acreditam não ser necessário colocar limites, que a crianças não entendem. Fazem as vontades delas e estas ao depararem-se com obrigações, limites e responsabilidades tornam-se indisciplinadas em casa e na escola. Aresi (1977) relata a carta de um jovem de *Massachusetts*:

Escrevo esta carta de uma cela de prisão. Agora compreendo porque muitos jovens vieram parar aqui, revoltados contra todos e contra tudo. Pelo que pude observar, eles não receberam nem amor, nem uma vida decente e confortável, nem bom exemplo, nem religião... Crimes e criminosos sempre existiram e sempre existirão no mundo. Mas vejo aqui muitos rapazes que poderiam ser ótimos e honrados. No entanto estão revoltados contra a família e a sociedade. Como seria

Maria Myrian Vieira

---

diferente a vida para eles se pudessem dizer: “Este é meu pai. Esta é minha mãe. Ambos me amam.” Creio que seria o momento de amor e alegria, satisfação em suas vidas. Agora eu entendo porque V. Excelência dizia: “o bem e o mal vem da família. Se queremos regenerar a sociedade, primeiro precisamos regenerar a família: os pais (ARESI, 1977, p. 212-3).

Nenhum ser humano nasce mal educado, sem limites. Essa incorporação vai ocorrendo na convivência e somando-se diariamente. Quanto mais brusca, sem amor e sem limites se der essa convivência, mais mal educadas serão as crianças e jovens. Imensa responsabilidade da família frente ao desafio de educar. Os pais devem ter postura que favoreça e crie clima de amorosidade, diálogo, acolhida e com autonomia e autoridade, orientando a criança com liberdade e para a liberdade e responsabilidade, questionando e provocando as situações problemas e motivando-as e estimulando-as para a convivência participativa e democrática, favorecendo a vivência de atitudes de cooperação na relação pais/filhos.

Relações humanas entre pais e filhos podem realizar-se com ternura, com previsão, diplomacia e firmeza; quando assim acontece ter-se-á filhos calmos, equilibrados e mentalmente sadios. Mas quando há brutalidade, inquietude, relaxamento e impaciência por parte dos pais, estes não se devem admirar se os filhos são mal vividos, inquietos, coléricos, impossíveis, rebeldes, medrosos, mentirosos, quando não delegam a delinquência. (WEIL, 1985, p. 163).

Esta exposição apresentada por Weil (1985) enfatiza a ideia já exposta: família em seu contexto, independente de classe social é a educadora natural. Sabendo que não é tarefa fácil educar, mas é possível ser transformadora e assumir seu papel.

Educar dá trabalho, pois é preciso ouvir o filho antes de formar em julgamento; prestar atenção aos seus pedidos de socorro (nem sempre claros) para ajudá-lo a tempo; identificar junto com o filho onde ele falhou, para que possa aprender com o erro; ensiná-lo a assumir as consequências em lugar de simplesmente castigá-lo. (TIBA, 2012, p.4 6)

Retomamos aqui a fala de Donatelli (2004, p. 67) ao dizer que “os pais perderam a noção da convivência pública”, para ser transformadora a família é desafiada à tarefa da convivência humanizada, dialógica, de escuta, sem isto não há educação, porque esta exige uma dinâmica diária de prontidão. Sem educação não há limites.

### **3 EDUCADORES PARTICÍPES E AFETIVOS**

O sistema educacional e a formação dos professores têm ineficiências que precisam ser repensadas. Os educadores encontram-se desmotivados diante dos percalços enfrentados: sejam oprimidos pela desvalorização, pela falta de condições de trabalho, pela formação. Pinto (2006) destaca essa situação:

Maria Myrian Vieira

---

(...) o que vimos foram professores oprimidos pelo sistema de Ensino e pela gestão da Escola, sem espaço para a participação, inseridas em um contexto que não promove a sua autonomia, pois são desacreditadas, responsabilizadas por decisões e encaminhamentos dos quais não participamos. De outro lado, também são profissionais que não compreendem a importância de seu papel, que não se implicam em sua prática e não se responsabilizam pelos resultados da educação que oferecem (PINTO, 2006, p. ).

A efetivação de uma educação participativa e afetiva concretizar-se-á quando novos paradigmas forem otimizados na formação dos docentes, estruturados nas mudanças exigidas pelos avanços científicos, tecnológicos e na prática da ética no processo de convivência humanizada. Assim o docente entenderá a importância de seu papel, trabalhará em equipe e saberá acolher os desafios frente aos déficits apresentados pelo discente. Pontuará seu envolvimento como sujeito partícipe, afetivo, capaz de motivar, instigar, acolher ajudando o outro (criança, jovem, adulto) na construção do conhecimento e transformação social. Magalhães (2008) defende que:

Quando nos empenhamos a ver o outro de forma amorosa, acolhendo, aceitando a pessoa em sua inteireza, não estamos apenas formando relações melhores e mais saudáveis, mas também, e principalmente, nos estamos operando a partir de um núcleo mental, sensorial, espiritual, mais felizes e positivos (MAGALHÃES, 2008, p.77)

A experiência docente participativa e de equipe apresenta-se envolta da sensibilidade de que todo ser humano precisa ser acolhido como gente que tem história de vida, às vezes tão desumana que causa dor; às vezes tão simples que surpreende; às vezes tão talentosa que edifica e de superação que constrói. Transitando nesse contexto o docente também supera a dureza imposta pelo sistema e aprende a aprender edificando e edificando-se.

A agressividade da sociedade atual e a desagregação da vida familiar exigem que a escola, para além do centro de transmissão ou aquisição do saber, seja cada vez mais local de custódia, de prevenção de riscos de orientação escolar, de afetividade. Se já era, tem hoje de exercer essas funções com mais intensidade (RANGEL, 2001, p. 31)

São essas exigências de hoje que enfatizam a urgência de novos paradigmas para a formação docente. A inserção de uma equipe multidisciplinar nas Instituições Educacionais públicas é uma urgência que o poder público deve implantar como ação necessária para auxiliar família e escola nos desafios educacionais da contemporaneidade e estabelecer com o docente um entrelaçamento que prioriza a vida como a razão do fazer educacional, na prática, fortalecer as relações e torná-las ricas de interação humana autêntica, de forma que essa interação ultrapasse os limites da desvalorização e da desumanização e possa construir um referencial pautado de sensibilidade e emoção que anule todo o negativismo e desesperança que às vezes permeiam a vida das famílias e das escolas. Para educar precisamos estar educados e sem

Maria Myrian Vieira

---

relações permeadas de esperanças e sensibilidade que motivem esses atores (pais e professores) na realização do ato totalitário de educar, a educação é esvaziada de sentido.

Moreno (2002) destaca que:

Educar é colaborar para que professores/pais e alunos/filhos transformem suas vidas em processos permanentes de aprendizagem. É ajudar aos alunos e os filhos na construção de sua identidade, do seu caminho pessoal, do seu projeto de vida, no desenvolvimento das habilidades de compreensão, emoção e comunicação que lhes permitam encontrar seus espaços pessoais, sociais e profissionais, tornarem-se pessoas e cidadãos realizados e produtivos (MORENO, 2002, p. 3).

Eis o percurso que professores partícipes e afetivos precisam percorrer. Para tanto é necessário o entrelaçamento de relações que em unidade atravesse esse percurso e nele sejam edificadas as pontes, o encantamento e a motivação pelo educar, firmando-o e consolidando as ações educativas transformadoras.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Conforme o exposto tem-se a confirmação de questões que apontam para a família e para a escola como instituições com funções diferentes, mas ambas precisam de unidade para construir parâmetros e referências morais e éticas que foram deixadas para trás ao longo dos anos no exercício de suas funções sociais e políticas e cujas consequências são vivenciadas hoje.

Evidencia-se a angústia dos diversos atores (pais/filhos, professores/alunos) na ação de educar. Pais e professores oprimidos pela diversidade de valores e culturas impostas pela sociedade capitalista. Filhos e alunos bombardeados por informação e conhecimentos e falas desencontradas.

Pais e docentes querem acertar. Filhos e alunos querem se encontrar. Entender o sentido da vida e resistir ao desalento da falta de sentido que a vida parece apresentar.

Em quais perspectivas caminhar? Conforme os pontos de vistas apresentados há déficits e consequências pela falta de equidade no educar na família e na escola. Há também banalização do existir e vivência fragilizada dos valores, em contrapartida crescem os contra valores. E os atores sentem-se envoltos em questionamentos, dúvidas e incertezas.

Maria Myrian Vieira

---

As relações precisam de afeto, amorosidade, confiança. Educar em perspectiva dialógica e amorosa. Construir valores e assumir o protagonismo de atores humanos capazes de agir e reagir às culturas impostas pela mentalidade capitalista.

Reagir ao desencanto e agir com encanto de educar como forma de construir a vida para a plenitude e realização: razão de existência humana.

À escola, cabe interagir com os diversos segmentos com postura democrática e um olhar sensibilizado àquela criança que vem com saberes comunitários de um contexto diferente ao da escola e às vezes com déficits de aprendizagem.

Aos educadores, a necessidade do entendimento de assuntos pertinentes à vida cidadã e pontuais na valorização da vida como bem supremo e na construção do profissionalismo docente.

À família, a sabedoria para entender que os filhos precisam ser acolhidos como o bem maior e dessa acolhida dependerá seu crescimento como pessoa.

## REFERÊNCIAS

ARESI, Ricardo. **Lares Autênticos não se improvisam**. São Paulo, SP: Paulinas, 1997.  
BETO, Frei. **Revista Aprendizagem**. Ano 5, nº 30/2012.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 1988.

CECCON, Claudius (*et. al*). **A vida na escola e a escola na vida**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.

CHIERA, Renato. **Presença: Contribuição para uma educação de inclusão**. São Paulo, SP: Cidade Nova, 2008.

CURY, Augusto Jorge. **O mestre da Sensibilidade – Análise da inteligência de Cristo**, vol 2. Rio de Janeiro, RJ: Sextante, 2006.

\_\_\_\_\_. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. Rio de Janeiro, RJ: Sextante, 2003.

DONATELLI, Dante. **Quem me educa? A família e a escola diante da (IN)disciplina**. São Paulo, SP: Arx, 2004.

Maria Myrian Vieira

---

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 2009.

MAGALHÃES, Dulce. **Manual da Disciplina para Indisciplinados**. São Paulo, SP: Saraiva, 2008.

MORENO, Ciriaco Isquierdo. **Educar em valores**. São Paulo, SP: Paulinas, 2002.

PINTO, F. C. F (*et. al*). Pesquisa Nacional de Qualidade na Educação: a escola pública na opinião dos pais. **Ensaio: aval. pol. públ**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 53, p. 527-542, out/dez. 2006.

RANGEL, Mary. **Supervisão Pedagógica, Princípios e Práticas**. São Paulo, SP: Campinas, 2001.

TIBA, Içami. **Pais e educadores de alta performance**, 2 ed. São Paulo, SP: Integrare Editora, 2012.

WEIL, Pierre. **Relações humanas na família e no trabalho**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.